

RESPONSIVIDADE: A PERCEPÇÃO DO ACABAMENTO ENUNCIATIVO ATRAVÉS DE TIRAS DE HUMOR

Responsivity: the perception of finishing utterance through comics

Anderson Cristiano da Silva (PUC-SP/ LAEL)

Resumo: Há alguns anos, iniciou-se uma cobrança nos concursos públicos para professores de línguas sobre a teoria bakhtiniana, porém percebemos que os estudos bakhtinianos ainda não são contemplados na prática pedagógico-educacional dos docentes que atuam nas escolas de Ensino Básico. Assim, o objetivo deste trabalho é problematizar o conceito de responsividade, tentando aproximar a teoria bakhtiniana ao contexto pedagógico dos professores da Educação Básica. Para tanto, como referencial teórico-metodológico, analisamos uma tira de humor à luz da Análise Dialógica do Discurso. À guisa de conclusão, ao se falar em responsividade, precisamos considerar a relação entre os diversos elementos dos enunciados que interferem na constituição de sentidos.

Palavras-chave: enunciado; gênero tirinhas; responsividade; acabamento enunciativo.

Abstract: *Some years ago, began a collecting in public concourse for language's teacher about Bakhtin's theory, but we realize that the bakhtinian studies are not yet included in the pedagogical practice of working in elementary schools teachers. The objective of this work is to discuss the concept of responsivity, trying to approach Bakhtin's theory to the pedagogical context of teachers Basic Education. For this, as theoretical and methodological reference, we analyze one comic under Dialogic Discourse Analysis. In conclusion, when we speak of responsivity, we must consider the relationship among the various elements of utterances that interfere in sense constitution.*

Keywords: *utterance; comics; responsivity; finishing utterance.*

Introdução

As contribuições teóricas engendradas por Bakhtin e os demais membros do Círculo vêm há alguns anos subsidiando a estruturação dos documentos oficiais que parametrizam o ensino de línguas no Brasil e muitos conceitos postulados por essa teoria têm sido cobrados em concursos

públicos de admissão para professores de língua materna e estrangeira do Ensino Básico que, muitas vezes, desconhecem a importância desses subsídios teóricos na prática pedagógica.

Outro fator que justifica este trabalho é que em nossas leituras por alguns dos principais comentadores da teoria dialógica (BRATT, 2005, 2006; FARACO, 2009; FIORIN, 2006; SOUZA, 2002; PONZIO, 2008), não encontramos ainda muitos trabalhos em destaque que evidenciem o termo específico da *responsividade*; há, no entanto, diversas publicações que discorrem sobre outros pressupostos teóricos criados pelos membros do chamado Círculo bakhtiniano.

Inserido nessa problemática, resolvemos refletir sobre a *responsividade* a partir da análise de tiras de humor, pois acreditamos que esse tipo gênero faz parte da construção de um material que permeia o fazer docente. Ademais, ao elegermos as tiras de humor para podermos discutir sobre o acabamento enunciativo, estamos também primando pelos princípios norteadores que subsidiam a prática pedagógica contemporânea por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2000), uma vez que esse documento sugere um trabalho que desenvolva o ensino de línguas norteado pelos diversos gêneros discursivos.

Responsividade: elemento-chave na constituição de sentidos

Do mesmo modo que existe uma dinamicidade dialógica nos diferentes gêneros discursivos, precisamos considerar também a relação das condições exteriores ao momento enunciativo. É necessário atentar para a relação eu/outro, uma vez que uma análise enunciativo-discursiva prescinde a observação da subjetividade inerente aos sujeitos.

Pode-se depreender que uma das facetas da *responsividade* (o que espero ou suponho como o outro irá receber meu enunciado) é que não se trata de um processo passivo e tranquilo, mas ao contrário, escapa ao nosso controle, (d)enunciando o diálogo infindo entre os enunciados.

É precisamente por que a inconclusibilidade e a maleabilidade são inerentes às personalidades vivas, aos acontecimentos cotidianos e aos parâmetros espaço-temporais que a realização (não o reconhecimento, não a descoberta, mas precisamente a realização) de uma totalidade é tão indispensável – e, portanto, carregada de responsabilidades. A totalidade de qualquer coisa só pode ser observada de uma posição que lhe é exterior no espaço e posterior no tempo. Mas, dado que uma totalidade pode ser percebida de uma infinidade de ângulos diferentes (e cada uma dessas percepções só será plenamente reconhecido como tal por “aquele que a conclui”), o sentido da totalidade é sempre “atribuído” e não decretado ou revelado. (EMERSON, 2003, p. 267-8).

Mesmo num diálogo direto entre duas pessoas não se pode ter garantia total da compreensão de tudo o que foi dito, pois fatores extralinguísticos interferem na interlocução. À guisa de ilustração, um simples tom de voz pode alterar aquilo que se almeja dizer. Nesse sentido, é necessário considerar sempre a função do sujeito que é um dos principais elementos na relação dialógica. Ademais, não existe um sentido único imanente ao signo linguístico, e quem atribui sentido(s) são os (inter)locutores. Nesses termos, “[...] toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2003, p. 271).

Sob outro aspecto, só se pode compreender a relação dialógica como algo interacional pelo deslocamento do conceito de emissor. Para Bakhtin, o locutor é visto como sujeito discursivo, pois é formado pelos discursos nos quais estão presentes diferentes vozes sociais.

Os limites de cada enunciado concreto como unidade de comunicação discursiva são definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso*, ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão). O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. (BAKHTIN, 2003, p. 275).

Quando se enuncia, o locutor antecipa a resposta de seus prováveis leitores. Por conseguinte, pressupõe também as possíveis atitudes responsivas desses interlocutores. Nesse sentido, os postulados bakhtinianos levam-nos à compreensão do “[...] papel do outro na constituição do sentido ou sua insistência em afirmar que nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz” (BARROS, 1994, p. 3).

No engendramento enunciativo, existem diferentes vozes que dialogam entre si para a elaboração do enunciado. Ao pensarmos na leitura, por exemplo partindo do gênero tiras de humor, evidenciamos essa característica enunciativa, cujo aspecto será explorado em nossas discussões.

A questão referente à interação também precisa ser considerada dentro da construção enunciativo-discursiva, pois há diferentes pontos de vista entre os diversos (inter)locutores. Em outros termos, cada posição em relação ao(s) sentido(s) de um texto implica em um processo dinâmico e ativo entre os enunciadores. Essa noção da compreensão ativa exige uma percepção dialógica da enunciação, ao projetar, por antecipação, o que outro poderá responder sobre o enunciado proferido.

Pode-se perceber a construção dos sentidos por meio da materialidade linguística, pois “[...] tudo está na superfície, tudo está na troca, tudo está no material, principalmente no material verbal” (BAKHTIN, 1997, p. 42). Do mesmo modo, podemos apreender também a relação entre locutor e interlocutor num processo organizado de interação, na qual temos que levar em conta a questão do horizonte social comum no momento enunciativo, pois os sentidos refletem e refratam conforme os sujeitos do discurso.

Muito embora grande parte dos conceitos discutidos pela teoria bakhtiniana partam de exemplos de questões literárias, podemos pensá-los também a partir de outros gêneros dentre os quais chamamos atenção para a análise verbo-visual das tiras de humor. Nesse aspecto, uma tira tenta produzir humor a partir das marcas linguísticas e extralinguísticas implicadas na interação enunciativa.

Bakhtin nomeia a alternância dessa interação como acabamento do enunciado. Para ele “[...] o primeiro e mais importante dos critérios de acabamento do enunciado é a possibilidade de responder – mais exatamente, de adotar uma atitude responsiva para com ele” (BAKHTIN, 2003, p. 299).

Conforme as ideias engendradas sobre esse acabamento enunciativo, existem três elementos determinantes: (1) o tratamento exaustivo do objeto do sentido, (2) o intuito (o querer-dizer do locutor) e (3) as formas típicas de estruturação do gênero. Além disso, precisamos nos ater também à noção de cronotopia (tempo) e exotopia (espaço), cuja consideração é imprescindível para se analisar dialogicamente qualquer enunciado.

A concepção de exotopia remete-nos aos sujeitos discursivos que devem restituir as condições de enunciação, vislumbrando as nuances do enunciado. Assim, “[...] exotopia significa desdobramento de olhares a partir de um lugar exterior” (AMORIM, 2003, p. 14). Da mesma forma, o conceito de cronotopia lembra-nos o distanciamento temporal do enunciado em relação aos (inter)locutores.

Esses dois elementos precisam ser considerados em conjunto no momento da análise do nosso *corpus*, pois ao refletirmos sobre determinado gênero, precisamos percebê-lo também pelo ângulo espaço-temporal, uma vez que “[...] a situação se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação” (VOLOSHINOV, s.d., p.6).

Além de tudo que foi exposto, a relação entre signo linguístico e sentido precisa ser explicitada, uma vez que o signo constitui-se de dois elementos: o significado (que compreende

um caráter reprodutivo e estável) e o sentido, que exige uma compreensão ativa dentro do momento enunciativo. A distinção entre sentido e significado está estritamente ligada à concepção de signo, uma vez que:

Caracteriza-se por sua pluricidade, por sua indeterminação semântica, por sua fluidez expressiva e porque se adapta a situações sempre novas e diferentes. O signo não requer uma mera identificação, já que estabelece uma relação dialógica que comporta uma tomada de posição, uma atitude responsiva; o signo requer, além da identificação, o que Bakhtin chama de “compreensão responsiva”. (PONZIO, 2008, p. 90).

O signo precisa ser considerado a partir da interação entre os sujeitos discursivos e também quanto à exterioridade enunciativa. Isso significa que os efeitos de sentido constituem-se também a partir da *responsividade* que cada interlocutor atribui ao enunciado. Assim, ao imaginar o efeito de humor de uma tira, o cartunista precisa considerar os efeitos que os enunciados provocam nos interlocutores, antecipando-se as prováveis respostas e criando o efeito humorístico desejado.

Tiras de humor: nuances de sentido pela percepção verbo-visual

Ao escolhermos estudar a percepção da responsividade por meio da análise verbo-visual em tirinhas de humor, percebemos que alguns pressupostos bakhtinianos têm sofrido uma dissolução conceitual entre os professores da rede pública do Ensino Básico, gerando interpretações ingênuas e até equivocadas. Dessa maneira, “[...] em especial pelo viés do discurso pedagógico (mas não apenas), houve uma banalização de termos como diálogo, interação e gêneros do discurso, retirados do vocabulário do Círculo, mas claramente despojados de sua complexidade conceitual” (FARACO, 2009, p.15).

A partir dessa problemática, resta-nos salientar a perspectiva de gênero adotada neste estudo, bem como discorrer sobre as características principais das tiras humorísticas e sobre os recursos verbo-visuais utilizados nesse tipo de enunciado. Assim, partindo da teoria bakhtiniana, observamos algumas características estáveis que distinguem as tiras de humor de outros gêneros discursivos.

Podemos citar o diálogo entre as modalidades verbal e não-verbal na tira, além disso, a disposição dos quadros não segue uma quantidade rígida, pois encontramos geralmente de um a quatro quadrinhos para compor as tirinhas. Entre os gêneros que circulam na esfera jornalística, as tirinhas de humor têm como proposta oferecer entretenimento, valendo-se da ironia ou crítica estruturadas em pequenas narrativas.

Com relação ao aspecto sócio-histórico, as tiras de humor não eram utilizadas há alguns anos na esfera educativa (CIRNE, 1974), mas essa realidade foi sendo alterada e hoje esse gênero é encontrado em praticamente todos os livros didáticos, além de ser presença constante nos principais vestibulares e concursos públicos.

Com a transformação dos quadrinhos, acompanhado pelo desenvolvimento tecnológico, houve um aprimoramento do gênero que facilitou sua propagação e utilização em outras esferas. Por ser uma linguagem mais atrativa, as tiras possuem um perfil de público heterogêneo, dada as suas características dinâmicas e democráticas. Com a aceitação e o aumento no número de leitores, os quadrinhos foram introduzidos nos materiais didáticos como subsídio adicional à aprendizagem.

Sob outro aspecto, além de definir as características de nosso material de análise, precisamos também discorrer de maneira breve sobre um fator preponderante neste artigo que é a observação e leitura a partir de imagens, pois são elas que contribuem para a constituição de sentidos.

Pode-se depreender que a estrutura da narrativa a partir de imagens está ligada intimamente com as relações entre os sujeitos, pois o uso do desenho permite ao locutor expressar sua presença, sua percepção de mundo pela função de efeitos estéticos que os leitores atribuem. É a partir da imagem que os cartunistas traduzem a visão deles sobre o mundo, por meio dos desenhos e de seus inúmeros recursos iconográficos.

A imagem define posições do leitor abstrato que o espectador concreto é convidado a vir ocupar a fim de poder dar sentido ao que ele tem sob os olhos, isso vai permitir criar, de uma certa maneira, uma comunidade – um *acordo* – de olhares: tudo se passa então como se a imagem colocasse no horizonte de sua percepção a presença de outros espectadores possíveis tendo o mesmo ponto de vista. (DAVALLON, 1999, p. 31).

Assim, através da percepção verbo-visual, tornamos significativo o desenho da tirinha por meio da observação de vários elementos: contexto, cores, formas e sequências. Dessa maneira, ler uma tirinha parece não ser algo tão simples, tampouco despreendido de um raciocínio simplista.

Análise do *corpus*

Pode-se depreender que determinados gêneros circulam por diferentes suportes, saindo de sua esfera habitual para outros ambientes. Nesse sentido, as tiras de humor são frequentemente

encontradas nos jornais impressos e também em outros suportes como coletâneas e revistas temáticas que têm como perfil leitores mais amadurecidos com um conhecimento enciclopédico considerável. Essa informação mostra-se relevante, pois a condição subjetiva de cada interlocutor pode influenciar na percepção do tom enunciativo e, em decorrência, nos graus de *responsividade*.

Especificamente sobre a tira em análise, o *corpus* foi retirado da revista *Nova Escola*, doravante NE, publicação direcionada aos educadores do Ensino Básico. Como esse periódico tem um público específico, a própria presença da tira nas páginas da revista já tem uma intencionalidade, frente à responsividade dos professores que terão outros olhos para a leitura dos quadrinhos.

A revista NE é uma das publicações do grupo Abril em conjunto com a Fundação Victor Civita. Seus exemplares não têm fins lucrativos, sendo vendidos a preço de custo nas bancas ou em casa para seus assinantes. Ademais, o periódico tem uma edição mensal e possui uma temática diversificada sobre educação, configurando-se uma das mais conhecidas revistas relacionadas ao tema em circulação no Brasil.

Além da reportagem especial de capa, NE é dividida em três grandes eixos: *Seções, Sala de Aula e Reportagens*. Essas partes abordam diferentes assuntos educacionais nas diversas áreas do conhecimento. No eixo *Seções*, há uma seção parte denominada *Em Dia: Notas sobre Educação* e é nessa parte que se encontra as tirinhas de Calvin e sua turma, da qual selecionamos uma em especial para nossas discussões:

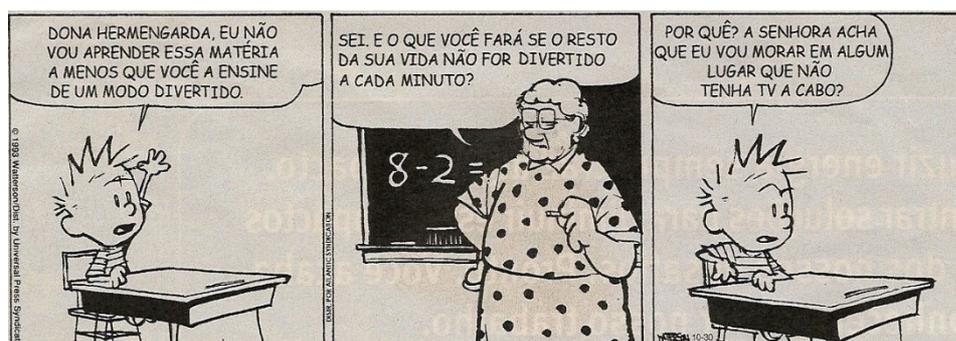


Fig. 1

Por ter sido veiculada em uma publicação destinada aos docentes, podem-se cogitar diversas interpretações, entre as quais a discussão sobre a criticidade infantil. Por sua vez, outras leituras também são possíveis, dependendo de cada interlocutor e de sua constituição subjetiva.

Nesse aspecto, só podemos falar em *responsividade* quando consideramos a relação entre locutor e interlocutor, pois é a partir deles que se estabelecem as relações dialógicas.

No caso desse enunciado, observamos a constituição de sentidos apreendida a partir das ações da personagem Calvin, cujo criador é *Bill Watterson*. Tendo iniciado seu trabalho com a personagem Calvin em 1985, o cartunista desenhou-o por uma década. *Watterson* criou a história de um garoto de seis anos e seu companheiro fictício, um tigre chamado Haroldo. Assim, o autor-criador projetava-se na cabeça de uma criança de seis anos, ao desenhar e engendrar os diálogos entre as personagens.

A partir do início do enredo, observamos que a personagem na primeira cena faz uma afirmativa para sua professora tentando, assim, questioná-la sobre a didática praticada no ensino da Matemática. Como a revista tem como público-alvo professores do Ensino Básico, a ideia central da fala remete a no mínimo duas possibilidades de leitura: a primeira leva-nos a pensar sobre o pensamento crítico que alguns alunos possuem, porém também questiona sobre as práticas pedagógicas utilizadas pelos interlocutores. Desse modo, há um desdobramento na função do gênero, pois além de divertir, tem como outra possibilidade despertar a consciência dos professores sobre as práticas de ensino.

A partir da percepção verbo-visual do primeiro quadro, percebemos que a disposição da personagem sentada na carteira remete-nos a uma aula do Ensino Fundamental. Na criação da cena, observamos a intencionalidade enunciativa do cartunista ao iniciar o quadrinho, assim, essa unidade real de comunicação ratifica uma das suas características que é a de possuir autoria, uma vez que *Watterson* recorre às diferentes vozes verbais para a elaboração da história, que, por sua vez, faz um embate dialógico com os diferentes interlocutores.

Ao chamar atenção da professora com uma das mãos levantadas, o menino parece querer impor uma ideia por meio da afirmativa engendrada pelo cartunista. Nos fragmentos perceptíveis na primeira fala de Calvin, percebemos um tom de ameaça, ou seja, diz que só aprenderá o conteúdo a menos que a professora mude sua postura de ensino. Com isso, pressupomos responsivamente que a docente atua profissionalmente de maneira não didática, desestimulando a aprendizagem do garoto.

Nas escolhas lexicais da fala, podemos observar o movimento dialógico realizado pelo locutor, uma vez que a relação entre enunciados se dá pelo embate de vozes que podem concordar ou refutar esses enunciados. Isso posto, compreendemos que quando tomamos um

posicionamento, ou até mesmo a escolha de certos léxicos, estamos deixando transparecer nossa posição ideológica que auxilia na constituição de sentidos.

No segundo quadro da tirinha, vemos uma professora com um giz em uma das mãos e ao fundo está posicionado um quadro negro, onde a docente arma uma conta simples de subtração. Desses elementos visuais, podemos confirmar que realmente trata-se de uma aula, além disso, podemos perceber também a provável visão que o locutor-cartunista tenta passar sobre a docente por meio de seu desenho.

Na cena, há uma representação de uma mulher acima do peso, com um vestido utilizado por idosas em décadas passadas, ademais, a senhora está usando óculos e seu semblante aparenta pouca simpatia. Tomando todos esses elementos descritivos e juntando com nome dado à personagem: Dona Hemengarda – um nome pouco comum entre mulheres das últimas gerações, pode-se inferir que o cartunista quer passar uma imagem massante e antiga da professora, contrapondo à jovialidade e dinamicidade expressas pelo garoto Calvin.

Correlacionando com o parágrafo acima, como a tira se constrói pela interação entre as linguagens verbal e não-verbal, as imagens possuem um papel fundamental na constituição de sentidos. Desse modo, o cartunista também deixa transparecer ideologicamente como ele, através da visão de Calvin, vê a função docente através da construção imagética da professora.

Dando continuidade às nossas reflexões, ao refutar a reclamação do aluno, Dona Hemengarda faz uma pergunta para o menino tentando dissuadi-lo sobre seu posicionamento. Nesse ponto, o autor-cartunista começa a engendrar o desfecho do enunciado, tendo como subsídio o recurso da responsividade que auxiliará na construção do tom humorístico da história.

Não obstante, a atitude responsiva tomada como um dos acabamentos do enunciado não é a única responsável pelo tom humorístico do gênero, visto que o efeito de sentido dá-se também pela constituição subjetiva dos interlocutores. No caso de nosso *corpus*, a fala da professora projetada para o menino Calvin tem como verdadeiros leitores os diversos docentes, que por sua vez possuem um emaranhado de vozes verbais que os constituem enquanto sujeitos discursivos. À guisa de ilustração, a partir das experiências pessoais e profissionais, o tipo de formação acadêmica e até mesmo o grau de maturidade dos professores poderão influenciar na recepção do enunciado.

A partir da pergunta da professora, no último quadrinho, o menino responde com outra questão associando aprendizagem divertida com a televisão. No desfecho da narrativa é que

percebemos enfim o efeito humorístico. Na fala do menino, poderia se levantar a discussão sobre as diversas maneiras nas quais uma criança aprende. Como todo enunciado possui um fluxo dialógico que possibilita a concordância ou a refutação do que está sendo emitido, talvez além da tira poder cumprir a função de distrair o público leitor, também seja uma maneira para que os professores possam a refletir sobre a concepção que os alunos possuem sobre as práticas de ensino (conforme discorreremos no início dessa discussão).

A partir do posicionamento de Calvin, podemos lançar outros questionamentos como: Toda criança na idade da personagem tem a capacidade de discernir sobre os processos cognitivos de aprendizagem? Qual a garantia de um método de ensino divertido seja realmente eficaz na aprendizagem de determinados conteúdos? Resumidamente, percebemos que a tirinha possibilita diferentes respostas, deixando-se revelar a característica responsiva de todo enunciado. Pelo viés dialógico, precisamos levar em consideração não somente o que está na materialidade linguística, mas também o que está por trás dela e quais possíveis efeitos na leitura.

Assim sendo, a percepção do acabamento enunciativo só é possível também pela percepção do contexto, do suporte do gênero, da disposição imagética e pelos pequenos detalhes dispostos na materialidade linguística.

Finalizando nossas discussões, Calvin, ao perguntar para professora o porquê de seu questionamento, aparenta segurança e firmeza na opinião expressa sobre o assunto. Além disso, pode-se confirmar isso a partir do semblante do garoto, pois suas sobrancelhas estão dispostas de uma maneira diferente do desenho apresentado no primeiro quadrinho, de igual modo, sua postura na cadeira também auxilia-nos na observação do tom engendrado pelo autor-cartunista.

Ademais, no último balãozinho vê-se que o menino direciona para Dona Hemengarda uma pergunta retórica, ou seja, um questionamento cuja resposta o próprio Calvin parece saber, uma vez que o sinal de interrogação compõe uma pergunta direta não configura a verdadeira intenção do menino. O locutor, na elaboração do enredo para compor a tira, utiliza de diferentes recursos verbo-visuais que dialogam entre si para compor a intencionalidade enunciativa.

Da pergunta retórica lançada pela personagem, podemos refletir sobre outro tema no meio educacional: o dilema sobre a influência da televisão no ensino. Assim, na visão do pequeno garoto, a diversão está ligada com a presença da TV a cabo em sua vida. Nesse ponto, além do tom humorístico, o enunciado instiga também o debate com os interlocutores: o que seria aprender de uma maneira divertida?

O modo divertido poderia ser associado à possibilidade de escolha do conteúdo a ser aprendido, visto que na televisão o telespectador tem o poder de trocar de canal quando quiser, além disso, poderíamos acrescentar os recursos visuais e outros elementos que a mídia possui para seduzir os seus interlocutores. Por outro lado, abre-se também outro questionamento sobre até que ponto a escola consegue criar metodologias que consigam tornar o aprendizado de certos conteúdos mais atrativos.

Enfim, percebemos que de uma pequena tira pode-se ter uma noção da presença da *responsividade* como elemento-chave na constituição de sentidos. Percebe-se que o autor antecipa possíveis respostas frente à atitude da personagem, o que faz com que se construa uma situação cômica por meio da relação dialógica entre diferentes posições discursivas.

Esse traço no fio discursivo desvela um ponto de vista que requer tanto do locutor quanto do interlocutor uma capacidade de intelecção para entender a ironia como forma particular de interdiscurso. Por conseguinte, essa ironia perceptível na tira desmascara a pretensa objetividade da narrativa, cuja forma de construção (d)enuncia pontos de vista e, ao mesmo tempo, revela o caráter bivocal e responsivo do enunciado.

Considerações Finais

À guisa de conclusão, ao se falar em *responsividade* nas tiras de humor, precisamos observar as relações dialógicas com diversos fatores, dos quais podemos citar o contexto, a esfera ideológica, os aspectos verbo-visuais, o perfil dos prováveis leitores, o ambiente em que o gênero foi veiculado entre outros elementos a serem considerados.

Além disso, não podemos concluir que a *responsividade* seja um tema em segundo plano na teoria bakhtiniana. Para isso, precisamos problematizá-la em diferentes gêneros, para que haja uma assimilação maior entre os leigos que se deparam com as ideias engendradas pelo Círculo de Bakhtin.

Especificamente em nossas análises, verificamos na tira a presença da responsividade como um elemento-chave na constituição de sentidos, uma vez que os locutores ao engendram o enunciado pressupõem também prováveis respostas e, com isso, podem criar possíveis situações de humor ou ironia, ratificando uma das características essenciais do gênero tirinhas.

Na prosa narrativa construída por meio da tira humorística vê-se um fluxo enunciativo dialógico, no qual espelha seu caráter de inconclusibilidade a partir da constituição de sentidos atribuídas pelos interlocutores. Em outras palavras, a subjetividade inerente ao discurso permite-nos perceber diferentes vozes que constituem o gênero, em que a intencionalidade do cartunista transparece no efeito cômico apreendido na leitura verbo-visual.

Em síntese, a reflexão aqui apresentada também revela que é possível utilizar de gêneros comuns no contexto escolar para aproximar as contribuições teóricas advindas de Bakhtin. Por meio de nossas análises, é possível confirmar a importância que a responsividade exerce na constituição de sentidos e, conseqüentemente, na formação de leitores mais críticos.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, Maria Teresa; SOARES, Solange Jobim; KRAMER, Sonia (Org.). **Ciências Humanas e Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: BARROS, Diana L. P de; FIORIN, José L. (Org.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin**. São Paulo: Edusp, 1994.

BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/ SEMTEC, 2002.

CIRNE, Moacy. **A explosão criativa dos quadrinhos**. 4. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, Pierre et. Al. **Papel da memória**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

EMERSON, Caryl. **Os 100 primeiros anos de Mikhail Bakhtin**. Trad. Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana**: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. Coord. de tradução Valdemir Miotello. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

SOUZA, Geraldo Tadeu. **Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Volochinov/ Medvedev**. 2. ed. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2002.

VOLOSHINOV, V. N. (BAKHTIN). **O discurso na vida e o discurso na arte**. Trad. para uso didático por C. Tezza e C. A. Faraco. Mimeo.